

UM JARDIM MODERNO EM UM SÍTIO HISTÓRICO: A RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA PRAÇA DA REPÚBLICA E DO JARDIM DO PALÁCIO DO CAMPO DAS PRINCESAS

JOELMIR MARQUES DA SILVA

Universidade Federal de Pernambuco | Brasil
joelmir_marques@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE:

Recife
Jardins históricos
Paisagem
Burle Marx

RESUMO:

A Praça da República e o Jardim do Palácio do Campo das Princesas sempre foram entendidos como um conjunto, que podemos também chamar de unidade de paisagem. A história desse sítio iniciou com a atuação do Conde Johann Moritz von Nassau-Siegen (Maurício de Nassau) ao construir o Palácio e o Jardim de Vrijburg, considerado o primeiro jardim botânico em colônia americana. Com a volta de Maurício de Nassau para a Holanda o Palácio e o Jardim foram destruídos e a área passa a ser urbanizada com construções de edifícios monumentais e de jardins e se encerra com os projetos de jardins de Roberto Burle Marx em 1937.

A MODERN GARDEN IN A HISTORIC SITE: THE RECONSTRUCTION OF THE HISTORY OF THE 'PRAÇA DA REPÚBLICA' AND THE 'JARDIM DO PALÁCIO DO CAMPO DAS PRINCESAS'

ABSTRACT:

The *Praça da República* and the *Jardim do Palácio do Campo das Princesas* were always understood as a set, which might also be called landscape unit. The history of the site began with the work of Count Johann Moritz von Nassau-Siegen (Maurício de Nassau) to build the Palace and the Vrijburg Garden, considered the first botanical garden in American colony. With the return of Maurice of Nassau to Holland the Palace and the Garden were destroyed and the area becomes urbanized with monumental buildings and gardens and ends with the garden designs of Roberto Burle Marx in 1937.

KEYWORDS:

Recife
Historic garden
Landscape
Burle Marx

UN JARDÍN MODERNO EN UN SITIO HISTÓRICO: LA RECONSTRUCCIÓN DE LA HISTORIA DE LA 'PRAÇA DA REPÚBLICA' Y DEL 'JARDIM DO PALÁCIO DO CAMPO DAS PRINCESAS'

PALABRAS CLAVE:

Recife
Jardín histórico
Paisaje
Burle Marx

RESUMEN:

La *Praça da República* y el *Jardim do Palácio do Campo das Princesas* siempre se han entendido como un conjunto, que también podría llamarse unidad de paisaje. La historia del lugar se inició con la obra de Conde Johann Moritz von Nassau-Siegen (Maurício de Nassau) al construir el Palacio y el Jardín Vrijburg, considerado el primer jardín botánico en colonia americana. Con el regreso de Maurício de Nassau a Holanda el Palacio y el Jardines fueron destruidos y la zona se urbaniza con construcciones de edificios monumentales y jardines y termina con los proyectos de jardines de Roberto Burle Marx en 1937.

INTRODUÇÃO

Ao aceitar o convite do governador de Pernambuco Carlos de Lima Cavalcanti (1935/1937), Roberto Burle Marx assume o cargo de Diretor do Setor de Parques e Jardins da então Diretoria de Arquitetura e Urbanismo em 1935, que tinha por diretor o arquiteto Luiz Nunes, e elabora um plano de aformoseamento, também chamado de ‘plano de jardins uniformizado’ (DIÁRIO Da TARDE, 1935, p.6) que tinha por objetivo tornar o Recife uma cidade apta a figurar como um centro de civilização mediante um novo aspecto urbanístico, e dá às praças, largos e parques do Recife um caráter autóctone, integrando-os a paisagem local, e nas palavras do paisagista no artigo ‘A vida na cidade: a reforma dos jardins públicos do Recife’ publicada em 22/05/1935 no Diário da Tarde:

“O nosso paiz possui evidentemente uma flora riquíssima e, desse modo, não nos será difícil encontrarmos em qualquer cidade elementos que solucionem essa necessidade. Até então, não tem sido assim o que, entre nós se tem feito nesse sentido. As ruas arborizadas quase que exclusivamente com ficus benjamim, além de resolver mal os problemas de arborização urbana, deixam uma impressão de pobreza de nossa flora, o que não é verdadeiro (...) a variedade imensa de plantas que nos oferecem nossas matas magníficas (...) urge que se comece, desde já, a semear, nos nossos parques e jardins, a alma brasileira”.

Naquele momento, os jardins do Recife estavam em situação de abandono tanto por parte tanto do poder público como da população e, diante de tal situação, reivindicações por melhorias nesses espaços públicos tornaram-se constantes. Os artigos ‘A vida na cidade: praças e jardins’ [sic.] (DIÁRIO DE PERNAMBUCO de 12/05/1936) e ‘A vida na cidade: a reforma dos jardins públicos do Recife’ [sic.] (DIÁRIO DATARDE de 22/05/1935) retratam bem a situação que estavam alguns de nossos jardins:

“(…) Os jardins do Recife, como é sabido, são geralmente abandonados pela população. Urge que se lhes dê feição nova, moderna, interessante, capaz de atrair os recifenses. A remodelação do parque Amorim, que irá perder aquele monótono aspecto de floresta erma e resequida pelo sol. (...) varresse da nossa vista, (...), a feiúra da praça Coração de Jesus e o mattagal cerrado do parque do Entroncamento”. (DIÁRIO DE TARDE, 1935, p.6).

“(…) reformar algumas de nossas velhas e tristes praças e mesmo de criar novas, com jardins que não semelhem capoeirões (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1936, p.)”.

Uma das grandes preocupações de Burle Marx ao projetar os jardins no Recife era dar à população um amplo serviço de ajardinamento público, onde, pelo menos houvesse ar puro e relativa liberdade para passeios e repouso, uma vez que, o Recife era uma cidade pobre e com a maioria da população morando em casinhas estreitas, sem ar, sem luz e sem conforto (MARX, 1987).

Burle Marx empregou nos jardins uma condição racional, regional e moderna levando em conta a higiene, a educação e a arte como princípios e deu a cidade, como bem ressaltou Joaquim Cardo (DIÁRIO DA TARDE, 1937), um caráter próprio e incomparável e que certamente nunca teve anteriormente.

Referindo-se ao Recife, Burle Marx relata que a cada passo descobria o encontro de uma cidade ainda com características coloniais, onde a erudição arquitetônica sentia-se em cada esquina. “Cidade de contrastes, cheia de mocambos, mas com grandes casas que também me impressionavam profundamente, semeadas numa paisagem dominada pelas mangueiras e jaqueiras, entremeadas de coqueiros” (MARX in MIRANDA, 1992, p. 72) e ainda expõe:

“(…) minha experiência no Recife foi fundamental para o rumo que, posteriormente, tomou minha atividade profissional. Hoje, depois de 50 anos, sinto que essas experiências foram válidas e determinaram minha maneira de construir jardins. Sobretudo elas ensinaram-me o valor de observar, de ver. (...) não tenho dúvidas que em Pernambuco começou tudo” (MARX in MIRANDA, 1992, p. 70-73; Grifo nosso).

A diversidade de espécies vegetais usada por Burle Marx em seus projetos paisagísticos no Recife, é tratada por Odilon Ribeiro Coutinho, no momento do Seminário de Tropicologia na Fundação Joaquim Nabuco, em 1985, como sendo “a forma de devolver o civilizado ao seu meio natural, às árvores, aos matos, de restaurar a virgindade primitiva no civilizado” (MIRANDA, 1992, p.84). E, nessa perspectiva, a arquiteta Janete Costa, grande amiga de Burle Marx, relata que o paisagista ao projetar seus jardins “estabelece diálogos com a paisagem, criando um pano de fundo para os jardins como se dissesse: isto, aqui, eu estou fazendo, a natureza está ali. Mas o que ocorre é a ligação do jardim com a paisagem local” (MIRANDA, 1992, p.73).

Diante do exposto nos parágrafos anteriores é lícito afirmar que Burle Marx concebeu os projetos paisagísticos dos jardins nos mesmos princípios da Carta de Florença (1981), ou seja, como monumentos vivos nos quais a vegetação é o principal elemento de uma composição artística, ecológica e educativa.

O botânico–paisagista francês Arnaud Maurières ao tratar de Burle Marx inserido na história da paisagem moderna afirma: “o que é verdadeiramente importante na obra de Burle Marx, é que ele foi o único capaz de traduzir o movimento moderno artístico no campo da paisagem. Se devemos atualmente buscar uma referência de jardim moderno, é no Brasil que nos cumpre buscá-la” (in LEENHARDT, 2006, p. 89 e 90).

Do conjunto de dezesseis jardins públicos de Burle Marx, seis foram selecionados como mais representativos e foram inventariados pela equipe Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco e, solicitado o tombamento no ano de 2008 ao IPHAN como patrimônio cultural nacional são eles: a Praça de Casa Forte, a Praça Euclides da Cunha, a Praça do Derby, a Praça da República e o Jardim do Palácio do Campo das Princesas, a Praça Salgado Filho e a Praça Faria Neves, ‘Processo n.º 1.563-T-2008’ e ‘Processo n.º 01498.000892/2008-22’.

Contudo, é em 20/11/2014, seis anos e cinco meses depois da solicitação de tombamento, que o IPHAN o oficializa em razão do seu elevado valor histórico, artístico e paisagístico a ser inscrito no Livro do Tombo Histórico, no Livro do Tombo de Belas Artes e no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.

A oficialização do tombamento dos jardins de Burle Marx nos leva a uma reflexão, que muitos já a tem, de que eles são capazes de falar muitas e diversas linguagens desde diferentes pontos de vista. A cultura que muitos estão acostumando é a de contemplar o jardim como um lugar onde se cultivam plantas, sejam elas bonitas ou não; um lugar de sombra e frescura; como uma base de discussão de problemas ecológicos. Mas, um jardim é

algo muito mais rico e profundo que essa visão superficial, ele é o reflexo de uma cultura e de uma tradição de um povo e de uma sociedade que o produziu, e nas palavras de Carmen Añón Feliú o jardim é a “sínteses de estilo, obra maestra de um gênio creador, el jardín há sido y es, a través de la história, uma reserva de arte y de beleza” (1996, s/p).

MATERIAL E MÉTODOS

Como caminho metodológico, considera-se a pesquisa de caráter histórico e bibliográfico. Desta forma, foi possível entender o processo de criação da Praça da República e do Jardim do Palácio do Campo das Princesas.

Conforme Best (1972, p. 12-13), a “pesquisa histórica descreve o que era”. O processo enfoca quatro aspectos: i) investigação; ii) registro; iii) análise e iv) interpretação de fatos ocorridos no passado. A pesquisa bibliográfica, por sua vez, refere-se a fontes secundárias, abrangendo toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, no entanto, de acordo com Trujillo (1974) não se configura como sendo uma mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre o assunto.

Quanto à pesquisa histórica, a técnica utilizada foi a documentação indireta, em que a coleta de dados está restrita a documentos escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias as quais englobam: i) jornais de circulação diária, levando em consideração o recorte temporal e espacial da pesquisa; ii) periódicos e iii) iconografias.

A pesquisa em jornais e de material iconográfico abrangeu o recorte temporal de 1935 a 1940. A escolha desses anos justifica-se pelo fato de ter sido nessa época que ocorreu a maior divulgação dos projetos paisagísticos de Burle Marx no Recife. Para tanto, foram consultados os acervos do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Pernambuco), da Fundação Joaquim Nabuco (Pernambuco), do Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco e da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro).

Para a pesquisa bibliográfica, e dentro das categorias que englobam, foi selecionada a ‘Publicação’ que abarcou livros, teses, dissertações, monografias, periódicos, publicações avulsas e pesquisas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Praça da República e Jardim do Palácio do Campo das Princesas:

A Praça da República e o Jardim do palácio do Campo das Princesas sempre foram entendidos como um conjunto, que podemos também chamar de unidade de paisagem. Contudo, antes de adentrar no nosso objeto, o projeto paisagístico de Burle Marx para esse conjunto, se faz necessário recuar um pouco na história, por ser um sítio de grandes acontecimentos históricos, o que nos leva ao período holandês do Recife como ponto de partida.

Na administração do Conde Johann Moritz von Nassau-Siegen (Maurício de Nassau), foram construídos, onde hoje se encontram a Praça da República e o Jardim do Palácio do Campo das Princesas, o Palácio e Jardim de Vrijburg (denomina-se também Parque de

Vrijburg, Parque de Nassau e Horto Zoo-botânico, considerado o primeiro jardim botânico em colônia americana.

As obras do Palácio e do jardim foram iniciadas em 1639 e concluídas em julho de 1642. A área do jardim era banhada pelos rios Capibaribe e Beberibe em sua confluência (Figuras 1 e 2).

Figura 1 - Planta do Palácio de Friburgo.



Fonte: MESQUITA, 1998.

Figura 2 - Vista aérea do Parque de Nassau - reconstituição livre por Liana Mesquita, 1989.



Fonte: MESQUITA, 2000.

Nassau fez-se acompanhar de uma missão artística e científica que se incumbiu de investigar inúmeros aspectos da natureza e da sociedade dessa parte do Novo Mundo em função do projeto do jardim. Dedicando parte de seu tempo às atividades de construir e plantar, Nassau melhorou as condições do lugar, legislou sobre a agricultura de subsistência e sobre a proteção das matas e edificou sítios. Assim, o jardim incluiu-se dentro de várias ações urbanísticas, arquitetônicas, científicas e artísticas (SILVA, 2009).

O fascínio dos holandeses pela diversidade florística local é evidenciado pela organização do Herbarium vivum brasiliensis por Georg Marcgrave, médico, botânico, engenheiro e astrônomo, autor da *Historia Naturalis Brasiliae*, quando da sua estada em Pernambuco. Junto com Marcgrave, Guilherme William Piso, naturalista nassoviano, médico particular de Maurício de Nassau, dedicou-se aos estudos das plantas medicinais e publicou seus achados em *De Medicina Brasiliensis*.

Contribuições importantes também foram dadas pelas pinturas de Frans Post, Albert Eckhout e Zacarias Wagener que tão bem retrataram as paisagens brasileiras e em especial as pernambucanas. As pinturas nos trazem um verdadeiro entendimento de quão rica e diversificada são a nossa flora e fauna.

O jardim, também denominado de horto, possibilitou a observação minuciosa da fauna e da flora tornando-se um local de coleta de informações que, posteriormente, foram incorporados às coleções científicas na Europa. Nos escritos de Piso e de Marcgrave, encontram-se descrições de experimentos e dissecações de animais. Assim, o horto, seguindo o modelo do Anfiteatro de Anatomia e do Horto Botânico de Leyden, foi palco de experiências científicas (GESTEIRA, 2004).

Com a volta de Maurício de Nassau para a Holanda, em 1644, o local passou a ser utilizado como quartel, durante as lutas contra os holandeses, ficando praticamente destruído na época da Restauração Pernambucana, em 1654. E em 1769, encontrando-se bastante arruinado, foi demolido por ordem do então governador da província, José César de Meneses (1774/1787).

Com a demolição do Palácio de Friburgo o jardim desaparece e surge um grande vazio, restando na área o Convento dos Franciscanos, que com o passar do tempo foi chamado de Praça do Palácio Velho, e em seguida Campo do Erário, por consequência da construção do edifício do Erário Régio. Com o passar dos anos o sítio passa a se chamar, em menção dos líderes republicanos enforcados, Campo da Honra e/ou Praça dos Mártires.

Em 1840 inicia a obra do Palácio da Presidência da Província, por ocasião da demolição do edifício do Erário Régio, que é concluído em 1843 e segundo Cavalcanti (1977) reparado em 1893 (Figura 3). Com o Palácio erguido o sítio passa a se chamar de Campo, Pátio ou Praça do Palácio (SILVA, 2010), bem como Pátio do Palácio Novo. Porém, a chegada do Imperador Dom Pedro II com a Família Imperial ao Recife em 22/11/1859, por motivo de comemorações dos seus 34 anos, e hospedando-se todos no palácio, marcou a sociedade da época e em homenagem a esse feito a municipalidade resolve denominar o sítio de Campo das Princesas.

Figura 3 - Palácio da Presidência da Província.



Fonte: Álbum velhas fotografias de Pernambucanas, 1851-1890, Silva (2010).

Seguindo com o processo de remodelação, em 1841 foi aprovado pelo presidente da província de Pernambuco, Francisco do Rego Barros (1837/1844), o orçamento para a construção do Teatro Santa Isabel (Figura 4), projeto de Louis-Léger Vauthier, as obras iniciaram em abril do mesmo ano e inaugurado em 18/05/1850. Em 1852 foi criada a Biblioteca Pública Provincial que de 1875 a 1930 ficou instalada no Palacete da Câmara Municipal (Figura 5). Anos mais tarde foram construídos os prédios da Escola de Engenharia, mas que funcionou como sede do Tesouro Estadual e do Liceu de Artes e Ofícios que teve suas obras iniciadas em 1871 e concluídas em 1880 (SILVA, 2010) e já existia o Quartel da Força Policial.

Figura 4 - Cartão-postal do Teatro Santa Isabel, segunda metade do século 19.



Fonte: Acervo pessoal

Até então a história do Campo das Princesas girou em torno das ações de construção de edifícios memoráveis por sua arquitetura. É só em 1871 que as ações da Assembleia Legislativa da Província, tendo como presidente da província Diogo Velho Cavalcanti de

Albuquerque (1870/1871), são direcionadas para a criação de um espaço ajardinado. Segundo Arrais (2004) em 1871 foi expedido pela Repartição de Obras Públicas ao governo provincial um orçamento para a compra de um gradil, quatro portões em ferro, oito bancos de dois tipos, e ornatos (quatro figuras com lampiões globulares, quatro estátuas representando a Justiça, a Fidelidade, a Amazona e a Concórdia e quatro estátuas representando o inverno, o estio, a primavera e o verão).

Figura 5 - Edifício da Biblioteca Publica Provincial, s/d.



Fonte: Site Recife de antigamente.

Oficialmente em 1º de março de 1872, João José de Oliveira Junqueira informava na Assembleia Legislativa o andamento do ajardinamento do Campo das Princesas (SILVA, 2010). Em 20/04/1872 chega ao Recife o restante do mobiliário que iria compor o jardim, e tal fato foi digno de uma nota publicada no Jornal do Recife de 24/04/1872, onde consta: “Para o Jardim do Campo das Princesas trouxe o barco francês Saint André, obegada no sabbado, mas uma estatua e todos os lampeões. Só falta agora obegar o gradeamento que vem de Inglaterra”. As estatuas referem-se às divindades da mitologia, que ao todo foram oito, a saber: Ceres, Diana, Diana de Gabies (Flora), Juno, Minerva, Níobe, Vesta e Têmis, até hoje presentes no jardim. Conforme Silva (2010) o jardim é oficialmente entregue à população em 20/10/1872, porém restando ainda alguns melhoramentos que foram realizados no início de 1873.

Tomando por base as fotografias de época pode-se ver que as edificações do entorno foram importante para a definição do traçado do jardim, em forma de cruz, e que foi demarcado por aleias de *Roystonea oleracea* (Palmeira-imperial), tendo ao centro um coreto e dessa forma a praça fica dividida em quatro partes.

Cada parte da praça possuía uma grande quantidade de canteiros e tabuleiros de forma irregular, alguns delimitados por um pequeno gradil, e que foram constituídos por espécies arbustivas, herbáceas, arbóreas e palmeiras (Figuras 6, 7 e 8). Algumas dessas espécies são: *Araucaria columnaris* (pinheiro), *Licania tomentosa* (oiti), *Epipremnum pinnatum* (jiboia), *Livistona Chinensis* (palmeira-leque-da-china), *Dypsis lutescens* (Areca),

Ficus benjamina (Ficus-benjamina), *Delonix regia* (Flamboyant), *Paspalum notatum* (Gramma-papuã), *Adansonia digitata* (Baobá), *Syzygium malaccense* (Jambeiro), *Sabal palmetto* (palmeira-sabal), *Casuarina equisetifolia* (Casuarina), *Mangifera indica* (Mangueira), *syzygium jambolanum* (Azeitoneira), *Tamarindus indica* (tamarindo), *Caesalpinia echinata* (pau-Brasil), *Phoenix sylvestris* (palmeira-fenix-gigante) e *Tabebuia* sp. (Ipê).

Figuras 6 e 7 - Jardim do Campo das Princesas, detalhes para os canteiros, extratos vegetais e o coreto, cartões-postais do início do século 20.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 8 - Vista de uma das partes do Jardim do Campo das Princesas, início do século 20. Destaque para os canteiros e espécies utilizadas. Ao lado direito o Teatro Santa Isabel.



Fonte: Museu da Cidade do Recife.

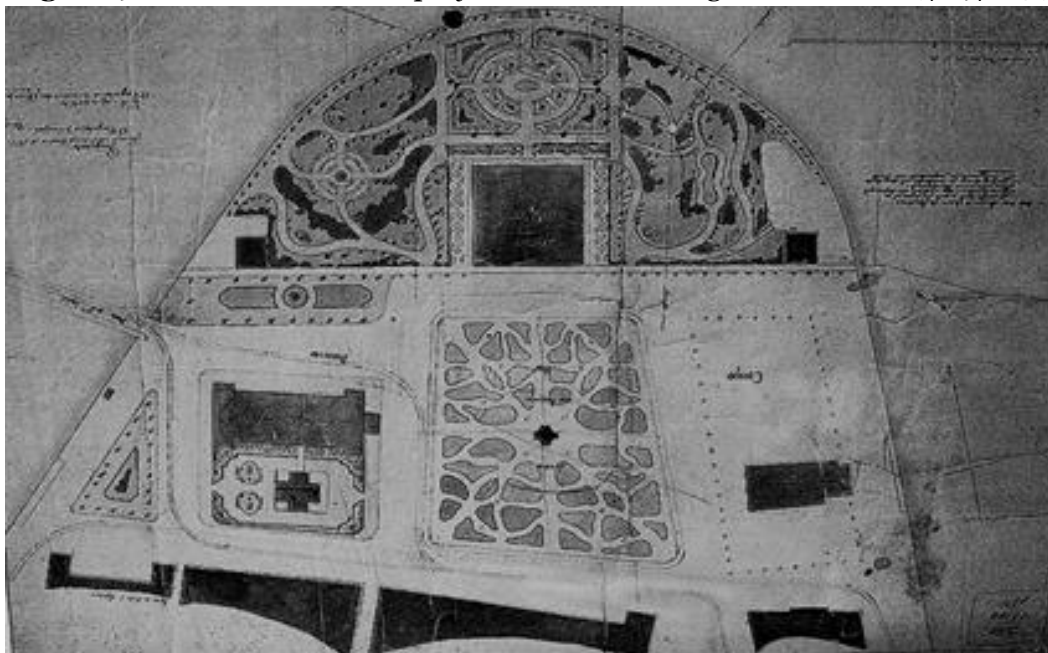
No início dos anos de 1920 o jardim, agora denominado de Praça da República, sofreu mais uma remodelação que seguiu as especificações de um projeto de 1918 de autoria desconhecida. Com o projeto implementado a área do jardim se amplia, uma vez que englobou a área do Teatro Santa Isabel e da Escola de Engenharia (onde funcionava o Tesouro Estadual).

As modificações se deram no traçado, que passou a ser mais orgânico, porém, permanecendo o eixo em forma de cruz; na retirada do gradil; na colocação de um quiosque e do busto de Telles Júnior próximo ao prédio da Escola de Engenharia, bem como o plantio de *Ficus benjamina* (Ficus-benjamina) circundando as três partes da praça (teatro, em frente ao palácio e na Escola de Engenharia). Porém, não só a praça passou por transformação, o

prédio que abrigava o Quartel da Força Policial foi demolido e deu-se início a construção do Palácio da Justiça, inaugurado em 7/11/1930.

Até esse momento tudo girou em torno da Praça da República e, a área ajardinada que fica por trás da edificação do Palácio da Presidência só é destacada em um projeto assinado por Emile Beringer com data de 05/09/1875 (Figura 9) e que engloba o Jardim do Campo das Princesas.

Figura 9 - Planta referente ao projeto de Emile Beringer, datada de 05/09/1875.



Fonte: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (SILVA, 2010).

O Jardim do Palácio da Presidência e de igual modo ao Jardim do Campo das Princesas possuía uma correspondência no traçado orgânico, dividido em três partes, sendo a do meio possuidora de um eixo em forma de cruz, uma correlação direta com a parte central do jardim do Campo das Princesas. A partir de um ponto da ala direita do jardim Beringer traça três linhas de visuais, uma no sentido de Olinda, outra para a Assembleia provincial e a última para o Jardim do Campo das Princesas.

Outro projeto de 1905 e assinado por Augusto de Almeida Castro apresenta o traçado modificado unindo todo o jardim por caminhos sinuosos com canteiros e um eixo no sentido Palácio-Rio Capibaribe (Figura 10) o que divide o jardim em duas alas. O traçado desse novo projeto assemelha-se com o dos projetos de Auguste François-Marie Glaziou, no Rio de Janeiro.

Ainda consta na história desse jardim um terceiro projeto, sem autoria nem data (Figura 11). Nele nota-se a semelhança, em relação ao eixo Palácio-Rio Capibaribe, com o projeto de Emile Beringer, porém se aproximando de uma simetria e dividido em duas alas assim como o projeto de Augusto de Almeida Castro.

Figura 10 - Projeto de Augusto de Almeida Castro, 1905.



Fonte: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Figura 11 - Planta do Jardim do Palácio do Governo, sem autoria e data.

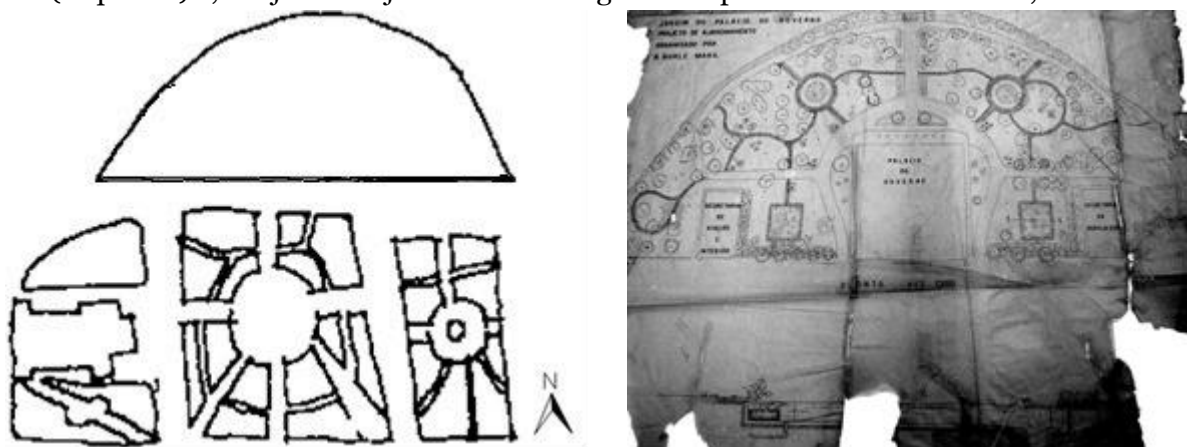


Fonte: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano

Entre aos anos de 1936 e 1937 mais um projeto é destinado ao conjunto Praça da República e Jardim do Palácio do Campo das Princesas, agora proposto por Roberto Burlle Marx (Figuras 12 e 13) e que tinha em mãos não apenas uma área para remodelar, mas sim, e diante do que já se sabe da história desse sítio, uma paisagem consolidada (Figura 14).

Segundo Joaquim Cardoso (1937, p. 2) o paisagista iria imprimir “sentido novo e mais vasto” e considera a remodelação da Praça da República “a obra mais importante confiada a Burlle Marx e se configuraria como uma obra de incontestável valor”.

Figuras 12 e 13 - Croqui de Burle Marx com o novo traçado para Praça da República (esquerda) e, Projeto de A Jardinamento organizado por Roberto Burle Marx, sem data.



Fontes: Acervo do laboratório da Paisagem/UFPE e Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, respectivamente.

A primeira ação de Burle Marx para a Praça da República foi a retirada do quiosque que se encontrava defronte ao Palácio da Justiça em finais de 1936. O próximo alvo foi a demolição do edifício da escola de Engenharia, onde funcionou o Tesouro Estadual e que no momento abrigava a secretaria de Obras Públicas, para dar lugar a um “aquário que manterá peixes de 20 espécies (dagua salgada e doce), um dancing publico e um restaurante” (Marx, 1937, p. 1), porém não foram construídos. Esta parte da praça se estenderia até o cais para que se pudesse aproveitar a paisagem do Rio Beberibe. Com a demolição da edificação surge um novo traçado que se assemelha ao da parte central da praça.

Figura 14 - Conjunto Praça da República e Jardim do Palácio do Campo das Princesas.



Fonte: Anuario de Pernambuco para 1935. Acervo: Fundação Joaquim Nabuco.

Por sua vez, a parte central da praça teve o desenho do traçado ajustado, passando a ser mais linear, e os vários canteiros e tabuleiros desaparecem dando lugar a um passeio mais sinuoso e interligado, porém, conservou os eixos em cruz que de dentro para fora da praça

direciona o observador as edificações históricas e que de fora para dentro direcionava a uma fonte luminosa.

De igual modo as outras duas partes da praça, a que abriga o Teatro Santa Isabel também passou por modificações no traçado e foi acrescentado um estacionamento.

Tais transformações foram evidenciadas de forma positiva por Joaquim Cardoso em depoimento ao Diário da Tarde de 14/06/1937, em suas palavras o projeto apresentado por Burle Marx “abrange, além de trabalhos de valor, a remodelação integral da fisionomia daquele logradouro, sem contudo, fugir á orientação racional que é a do aproveitamento, para fins decorativos, dos principaes elementos naturaes que constituem o seu feito primitivo (...) entretanto, sem destruir a obra antiga” (p. 2).

Da Praça da República Burle Marx aproveita as esculturas de divindades mitológicas, que segundo ele sempre representam algo interessante (Marx, 1937), isso porque integravam-se na concepção artística do projeto; os bancos, tipo venezianos, foram substituídos por bancos de granito polido e sem encosto, como já existiam na Praça de Casa Forte e na Praça Euclides da Cunha.

A vegetação em sua grande parte foi considerada no projeto, porém houve o plantio novas espécies como: a *Acrocomia intumescens* (Macaíbeira), *Cocos nucifera* (coqueiro), *Anacardium occidentale* (Cajueiro), *Syagrus Oleracea* (Catolé), *Pritchardia pacifica* (Palmeira-leque-de-fiji) e *Hancornia speciosa* (Mangabeira). Uma matéria do Diário da Tarde de 16/06/1937 ainda relata que irião comor a praça plantas da flora amazônica. Também realizou-se o plantio *Roystonea oleracea* (Palmeira-imperial) por trás do Teatro Santa Isabel e na parte central da praça para completar as aleias dos eixos em cruz. Alguns exemplares foram plantados juntos de indivíduos adultos, possivelmente por estarem em idade avançada o que demonstra que Burle Marx realizou um estudo minucioso de fitossanidade, garantindo assim a integridade do projeto (Figuras 15, 16 e 17).

Figura 15 - Praça da República, início de 1940. Observa-se o plantio de indivíduos de *Roystonea oleracea* (Palmeira-imperial) no lado esquerdo do eixo que fica em frente ao Teatro Santa Isabel.



Foto: Alexandre Berzin. Acervo: Museu da Cidade do Recife.

Figura 16 - Praça da República, início de 1940. Observa-se o plantio de indivíduos de *Roystonea oleracea* (Palmeira-imperial) circundando a edificação do Teatro Santa Isabel.



Foto: Alcir Lacerda. Acervo: Fundação Joaquim Nabuco.

Figura 17 - Praça da República, 1938. Observa-se o plantio de indivíduo *Syagrus Oleracea* (Catolé), lado esquerdo da foto.



Foto: Alexandre Berzin. Acervo: Museu da Cidade do Recife.

Ações semelhantes às da Praça da República ocorreram na remodelação do Jardim do Palácio do Campo das Princesas, que já possuía um traçado e uma arborização estabelecida, decorrentes de no mínimo duas intervenções, porém tendo uma aproximação com o traçado presente no projeto de Emile Beringer de 1875. Por se tratar de um jardim palaciano, possivelmente, cada gestor remodelava o jardim ao seu gosto.

Com base nas fotografias de época é possível conhecer algumas espécies que fizeram parte do jardim (Figuras 18 e 19), como, por exemplo: *Syzygium malaccense* (Jambeiro), *Cassia fistula* (Chuva-de-ouro), *Roystonea oleracea* (Palmeira-imperial), *Mangifera indica* (Mangueira), *Eucalyptus cf. camaldulensis* (Eucalipto), *Adenantha pavonina* (Olho-de-pombo), *Licania tomentosa* (Oiti), *Delonix regia* (Flamboyant), *Canna indica* (Cana-da-índia), *Ficus benjamina* (Ficus-benjamina), e *Opuntia* sp. (Palma).

Figura 18 - Ala esquerda do Jardim do Palácio do Campo das Princesas, s/d.



Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife. (SÁ CARNEIRO; SILVA e SILVA, 2011).

Com o novo traçado o jardim passa a ter duas alas, e adquire uma simetria (Figura 20). Os caminhos curvos constituídos por blocos de pedras com rejunte de grama (como também foi usado na Praça Euclides da Cunha) tem a função de direcionar o observador a pontos estratégico de contemplação de paisagens, seja do interior do jardim, com canteiros circulares (Figura 21) ornamentados com *Canna indica* (cana-da-índia) e lagos que abrigam uma diversidade de plantas das mais variadas texturas, portes e colorações, seja do exterior, representada paisagem histórica do centro do Recife até as colinas de Olinda. No projeto paisagístico não consta a especificação das espécies, porém todos os indivíduos receberam uma 'letra' (para espécies herbáceas e arbustivas) ou um 'número' (para espécies arbóreas e palmeiras) e sendo as letras ou os números iguais, pertenciam a mesma espécie.

Figura 19 - Jardim do Palácio do Campo das Princesas, s/d, detalhe do eixo, que liga o Palácio ao Rio Capibaribe.



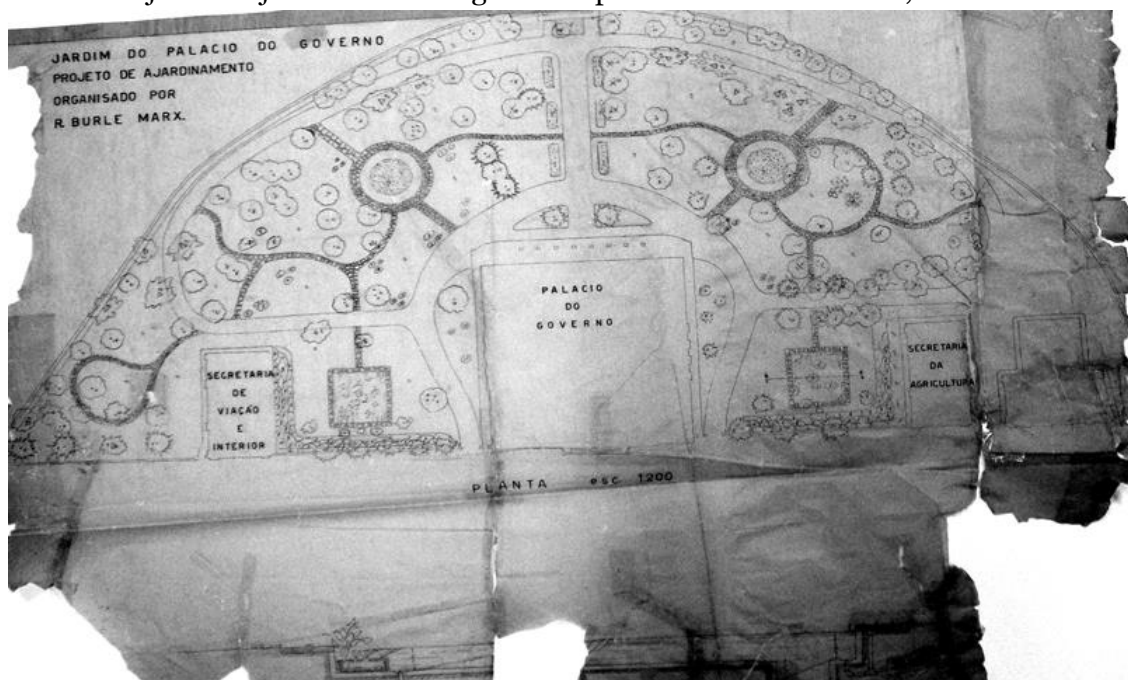
Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife. (in: SÁ CARNEIRO; SILVA e SILVA, 2011).

O pergolado e a vegetação herbácea que faziam parte do eixo que liga o palácio ao Rio Capibaribe, e que se constituíam como um barreira visual, foram removidos e margeando cada lado do eixo foram propostos canteiros retangulares com cana-da-índia, porém não foram construídos (Figura 22).

Burle Marx idealizou duas possibilidades de composição para os lagos (Figuras 23 e 24). Na primeira Burle Marx utiliza as palmeiras-imperiais, já existentes, como pano de fundo e uma correlação com a Praça da República e acrescenta 4 indivíduos de sabal-palmeto, pontuando cada ângulo do lago. Circundando o lago existe um passeio que possibilita o observador a contemplar mais de perto as *Ninfæa* sp. (Ninfeias), ao centro do lago, e as *Typha domingensis* (Taboa) e as *Montrichardia linifera* (Aninga), em casa ângulo.

Para a segunda possibilidade, o paisagista cria um recinto mais isolado, uma zona de calma. Descarta as palmeiras-imperiais existentes e utiliza espécies dos mais variados estrados e cores favorecendo um jogo de escala, de movimento e de percepção. São espécies como, *Caladium bicolor* (Caladium), *Anthurium amnicola* (antúrio), *Ravenala madagascariensis* (Ravenala) e *Licuala grandis* (Licuala). Para o lago Burle Marx toma como partido a composição dos lagos retangulares da Praça de Casa Forte e o circunda com jardineiras de plantas herbáceas terrestres, como, por exemplo, *Zantedeschia aethiopica* (Copo-de-leite). Entre as duas áreas densamente vegetada existe um estreito passeio para contemplação.

Figura 20 - Jardim do Palácio do Governo,
Projeto de Ajardinamento organizado por Roberto Burle Marx, sem data.



Fonte: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano

Figuras 21 e 22 - Jardim do Palácio do Campo das Princesas. Detalhe para o círculo da ala esquerda ornamentado com Cana-da-índia, o traçado constituído por bloco de pedras e rejuntado com grama em 1938 e o eixo Palácio-Rio Capibaribe, cerca de 1940.



Fontes: A Noite Ilustrada (esquerda) e Foto de Alcir Lacerda (direita) pertencentes à Fundação Biblioteca Nacional e ao acervo pessoal de Betty Malta, respectivamente.

Complementando a composição dos lago Burle Marx agrega ao projeto as duas esculturas clássicas, por se harmonizam com o caráter do Jardim do Palácio. Porém, ao observarmos os detalhes da hidráulica dos tanques e as caixas para o plantio das espécies, presentes no projeto de ajardinamento, bem como a fotografia publicada no jornal

‘A Noite Ilustrada’ de 1938 (Figuras 25 e 26) contata-se que a composição do lago que foi acatada é a da Figura 23, mesmo sendo a da Figura 24 semelhante a da Praça de Casa Forte.

Figuras 23 e 24 - Desenhos de Burle Marx para os lagos do Jardim do Palácio do Campo das Princesas, 1936.



Fonte: Sítio Roberto Burle Marx.

Consta no projeto original alguns indivíduos, árvores e palmeiras, marcados com um ‘X’ e representados pelos números 4, 10, 11, 14 e 15, cada número corresponde a uma espécie (Figuras 27 e 28). Ao comparar as fotografias da época com a localização destes indivíduos no projeto identificamos três das cinco espécies, são elas: *Delonix regia* (Flamboyant; n^o. 10), *Mangifera indica* (Mangueira; n^o. 14) e *Roystonea oleracea* (Palmeira-imperial; n^o.15).

Analisando espacialmente onde cada indivíduo se localiza constatou-se que a retirada foi indicada por três razões: i) Sombreamento permanente nos canteiros de cana-da-índia (g) (4 indivíduos de mangueiras); ii) porque estavam próximo ou no meio dos caminhos em pedra com rejunte de grama e suas raízes poderiam ocasionar no futuro a parda do traçado (1 indivíduos de mangueira, 1 de palmeiras-imperiais, 9 da espécie não identificada [n^o11] e 2 da espécie não identificada [n^o4]) e iii) Configurava-se como uma barreira visual (1 indivíduo Flamboyant).

Com a implementação do projeto da Praça da República e do Jardim do Palácio do Campo das Princesas, Burle Marx dá ao Recife mais dois jardins de um alto cunho de perfeição artística, especialmente chamando a atenção de todos pela originalidade da beleza da natureza brasileira.

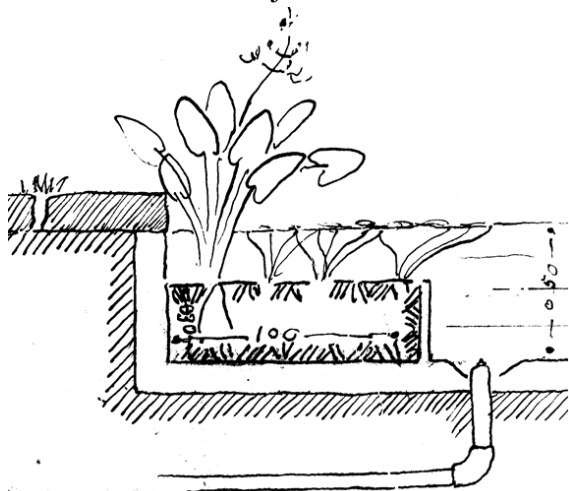
CONCLUSÕES

Após o breve relato do momento e intenção projetual desses dois jardins idealizados por Burle Marx, corroboro com a opinião emitida por Joaquim Cardozo em 1937 quando ao referir-se a esse conjunto paisagístico o considerou como “a obra mais importante confiada a Burle Marx e se configuraria como uma obra de incontestável valor” (p.2). Porém, qual valor Joaquim Cardozo se referia? Nessa perspectiva, e após a restauração da Praça Euclides da Cunha em 2003, da Praça Faria Neves em 2006 e da Praça do Derby em 2008, todas de Burle Marx no Recife, é que tem-se a intenção da elaboração, pelo Laboratório da Paisagem/UFPE,

do inventário dos Jardins de Roberto Burle Marx no Recife, e com ele surgem os valores patrimoniais dos jardins, tais como, histórico, arquitetônico, artístico, ecológico, social, espiritual e botânico. Alguns desses valores foram discutidos por Sá Carneiro et al. (2012) no texto *The complexity of historic Garden life conservation*.

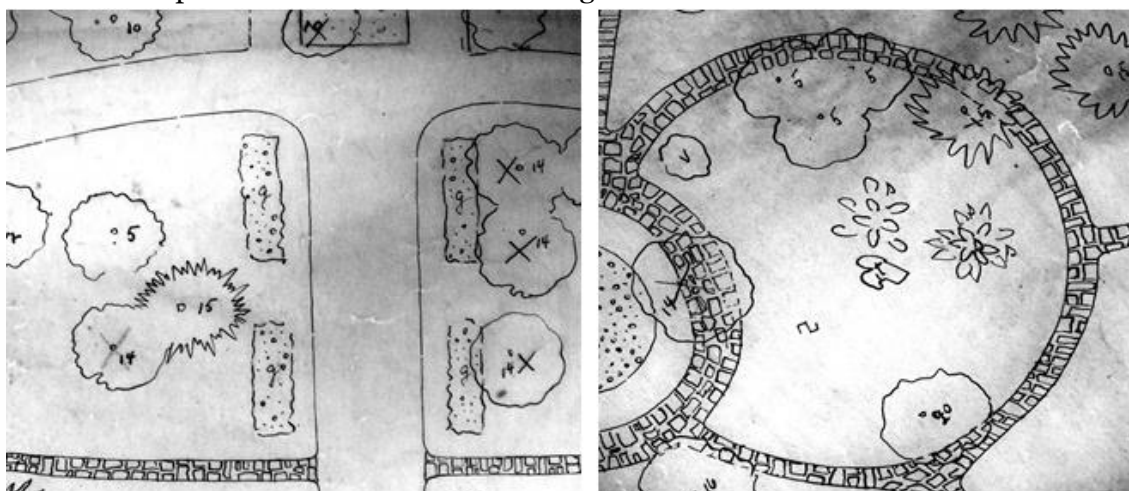
Os jardins que fazem parte do inventário são: Praça de Casa Forte (1935), Praça Euclides da Cunha (1935), Conjunto Jardim do palácio do Campo das Princesas e Praça da República (1936/1937), Praça do Dery (1937), Praça Ministro Salgado Filho (1957) e Praça Faria Neves (1958). Tais jardins foram escolhidos por serem os mais conservados de um total de 52 jardins construídos, de um total de 58 projetos (públicos e privados) para o estado de Pernambuco.

Figuras 25 e 26 - Detalhe da hidráulica e da caixa de vegetação presentes em cada vértice dos lagos do Jardim do Palácio do Campo das Princesas (esquerda). Fotografia publicada no jornal 'A Noite Ilustrada' em 27/03/1938 (Direita).



Fontes: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano e Fundação Biblioteca Nacional, respectivamente.

Figuras 27 e 28 - Detalhes do Projeto de Ajardinamento para o Jardim do palácio do Campo das Princesas. Observa-se alguns indivíduos marcados com 'X'.



Fonte: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

O inventário configurou-se como o principal instrumento do pedido de tombamento desses jardins, feito pelo Laboratório da Paisagem/UFPE, como Patrimônio Cultural Nacional ao IPHAN. Com o passar dos anos as obras de Burle Marx se descaracterizam e outras, principalmente os jardins privados, em sua maioria, já não existem. O conjunto Jardim do Palácio do Campo das Princesas e Praça da República, mesmo com algumas modificações realizadas pela Prefeitura da Cidade do Recife (para a Praça da República) e pelo Governo do Estado de Pernambuco (para o Jardim do Campo das Princesas) é um exemplo de sítio bem conservado. Hoje existe um projeto de restauração para o Jardim do palácio do Campo das Princesas que visa recuperar, principalmente, seu traçado original e os lagos e sua respectiva vegetação.

Com a homologação do tombamento desses seis jardins de Burle Marx (portaria nº 84, de 9 de setembro de 2015) a gestão e conservação desses sítios se tornarão mais efetiva.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa de doutorado e doutorado sanduíche, respectivamente.

REFERÊNCIAS

AÑÓN-FELIU, C. **El lenguaje oculto del jardín**: jardín y metáfora. España: editorial Complutense, S.A., 1996.

ARRAIS, R. **O pântano e o riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: USP, 2004. (2004)

BEST, J. W. **Como investigar em educación**. 2. ed. Madri: Morara S.a, 1972.

CARDOSO, J. Jardins bonitos que o Recife possui. **Diário da Tarde**, 14 de junho de 1937, folha II, p. 2.

CAVALCANTI, V.B. **Recife do corpo santo**. Recife: Prefeitura Municipal do Recife, 1977.

DIARIO DE PERNAMBUCO. **A vida na cidade**: Praças e Jardins. 12/05/1936.

DIARIO DA TARDE. **Jardins e Parques do Recife**: Roberto Burle Marx para o Diário da Tarde. 14/03/1935.

DIARIO DA TARDE. **Jardins bonitos que o Recife possui**. 14/06/1937.

GESTEIRA, Heloisa Meireles. O Recife holandês: história natural e colonização neerlandesa (1624-1654). **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v.2, n. 1, p. 6-21, 2004.

MARX, R.B. Projetos de paisagismo de grandes áreas (1962). *In*: TABACOW, J. Roberto **Burle Marx**: Conferências escolhidas. São Paulo: Nobel, 1987. p. 37-46.

_____. A reforma dos jardins de Recife, **Diário de Pernambuco**, 20 de maio de 1937, p.1.

MAURIÈSRES, A. *In*: LEENHARDT, J. **Nos jardins de Burle Marx**. São Paulo: Perspectiva S.A., 2006. p. 85-96.

MESQUITA, Liana. Nassau nas origens do paisagismo brasileiro. *In: BANCO REAL. O Brasil e os holandeses*. Recife: (s/Ed.), 2000. p.39-41 (Catálogo).

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares. **Seminário de tropicologia**: Homem, terra e trópico. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1992.

SÁ CARNEIRO, A.; SILVA, J.M.; VERAS, L.M.C.C.; SILVA, A.F. The complexity of historic Garden life conservation. *In: ZANCHETI, S.; SIMILĂ, K (Org.). Measuring Heritage Conservation Performace*. 1 ed. Roma/Recife: ICCROM/CECI, 2012.

SÁ CARNEIRO, A.; SILVA, M.J.; SILVA, A.F. **Relatório. Projeto de Restauração do palácio do Campo das Princesas**, 2011.

SILVA, M. A. Acolhendo a diversidade: O jardim seiscentista de Maurício de Nassau e a Paisagem americana. *In: SÁ CARNEIRO, A. R.; BERTRUY, R. I. P. Jardins Históricos Brasileiros e Mexicanos*. Recife: Universitária UFPE, 2009. p. 211-240.

SILVA, A.F. **Jardins do Recife**: uma história do paisagismo no Brasil (1872-1937). Recife: CEPE Editora, 2010. 244p.

TRUJILLO, A. F. **Metodologia da ciência**. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

Recebido em: 21/03/2015

Aceito para publicação em: 12/07/2015